

## O processo de transição de bebês frente ao início da frequência em instituições de educação infantil: compartilhamento do cuidado e da educação entre família e instituição



Este livreto foi pensado para o conjunto de instituições de educação infantil, sejam as creches públicas ou as instituições privadas, lembrando que o termo creche legalmente se refere às instituições que atendem crianças até 03 anos de idade. Para facilitar, sem discriminar, a partir de agora, vamos nos referir às instituições de educação infantil por “IEI”.

O termo transição se refere ao conhecido processo de “adaptação”. Mas, como será apresentado ao longo do livreto, o processo é mais complexo e envolve “muito mais do que a acomodação da criança ao novo ambiente”. Assim, optou-se pela noção de transição.

Para este livreto, há um recorte que discrimina o processo de transição relacionado especificamente aos bebês no primeiro ano de vida, dadas as particularidades dessa idade.

# SUMÁRIO

- ✓ Mudanças na vida social das mulheres, crianças e famílias: a questão dos direitos – pg. 03
- ✓ Do que se trata o período de transição para o compartilhamento dos cuidados/educação?? – pg. 05
- ✓ Mas, a transição só acontece quando a criança passa a frequentar a instituição? – pg. 06
- ✓ Decisão de compartilhar cuidados / educação: familiares – pg. 06
- ✓ E as instituições? Elas já estão prontas para receber os familiares e suas crianças tão pequenas? – pg. 07
- ✓ Primeiros encontros entre família, bebê e instituição!! – pg. 08
- ✓ Começando a frequentar a creche: como planejar? – pg. 09
- ✓ Trânsito diário do bebê entre casa e IEI: alta diversidade entre os contextos!! – pg. 12
- ✓ A questão da amamentação e alimentação nas novas rotinas!! – pg. 13
- ✓ Outro processo de ajustes mútuos: *o sono!* – pg. 15
- ✓ Muitas são as transições vivenciadas em meio à transição maior – as microtransições – pg. 16
- ✓ O choro do bebê: variadas perspectivas e interpretações! – pg. 19
- ✓ Para além da interação professor-bebê: promovendo a interação e a construção de parcerias entre os bebês – pg. 21
- ✓ Quem cuida, educa; e, quem educa, cuida: o cuidado e a educação como partes indissociáveis ao desenvolvimento dos bebês! – pg. 23
- ✓ Papel do professor e relação com a coordenação da IEI! – pg. 25
- ✓ Quanto tempo dura o processo de transição: alguns dias? uma semana? um mês? mais? menos? – pg. 26
- ✓ Não há receitas e técnicas prontas para lidar com o processo de transição! – pg. 27
- ✓ Políticas públicas, diretos das mulheres, das famílias e das crianças! – pg. 28
- ✓ Referências bibliográficas e sugestões de leituras – pg. 30
- ✓ Agradecimentos e Reconhecimentos – pg. 33

## MUDANÇAS NA VIDA SOCIAL DAS MULHERES, CRIANÇAS E FAMÍLIAS: A QUESTÃO DOS DIREITOS

Nas últimas décadas, ocorreram muitas mudanças na nossa sociedade. De forma crescente, a mulher passou a ocupar mais e mais lugar no mercado de trabalho. No Brasil, inclusive, um grande número de lares tem a mulher como a principal provedora da família.

Mas, as mulheres muitas vezes também são mães. **O que fazer quando seus filhos estão no primeiro ano de vida? Como cuidar dos filhos se precisa ou deseja trabalhar fora de casa?** Como dar conta desses papéis já que os pais, os/as avôs/avós, tios/tias, irmãos/irmãs ou outras pessoas próximas não têm como ajudar, até porque não moram mais perto ou também trabalham?



Para muitas mulheres, cuidar dos filhos tem sido possível após o nascimento da criança, pela **licença maternidade, direito** conquistado para se estar próximo ao bebê nos primeiros meses. Mas, e quando a licença acaba e a mulher não tem rede de apoio aos cuidados e à educação dos filhos? Para além das mulheres, como fazem as famílias com filhos bem pequenos, sejam elas uma família nuclear, recomposta, monoparental, homoafetiva, sejam ainda biológicas ou adotivas?

As IEI têm sido importantes pontos de apoio de atendimento de qualidade nesse sentido. No Brasil, inclusive, elas são legalmente consideradas no âmbito da **Educação**, como um **direito da criança, uma opção da família e uma obrigação do Estado**. O direito das crianças se faz, então, até para as mulheres/mães que não trabalham.

Mas, compartilhar o cuidado dos filhos no primeiro ano de vida pode não ser fácil. A decisão dos familiares, o encontro entre família-instituição e a frequência do bebê pode vir a ser tensa a todos os envolvidos (familiares, bebês e professores/instituição). Então, **como planejar e trabalhar a transição para este compartilhamento dos cuidados/educação entre família e instituição?**

MAS, DO QUE SE TRATA O PERÍODO DE TRANSIÇÃO  
PARA O COMPARTILHAMENTO DOS  
CUIDADOS/EDUCAÇÃO??



## **DO QUE SE TRATA O PERÍODO DE TRANSIÇÃO PARA O COMPARTILHAMENTO DOS CUIDADOS/EDUCAÇÃO??**

Tradicionalmente, a transição é considerada a partir do momento em que a criança passa a frequentar a IEI, quando efetivamente muitas coisas se modificam:

- Passa a ocorrer separação diária e regular do bebê em relação à mãe e à família;
- Outras pessoas (professoras e outros profissionais) - usualmente desconhecidas da criança e de seus familiares - passam a cuidar/educar o bebê durante a semana;
- A criança passa a regularmente sair de casa para frequentar um outro espaço, que no início é desconhecido;
- Esse local tem uma organização espacial diversa do doméstico;
- As rotinas de sono, alimentação, higiene e brincar não são as mesmas de casa;
- Há, ainda, grande número de crianças desconhecidas e de mesma idade.

**Tudo é novo para a criança!!**

**Também é novo e, às vezes, preocupante para a mãe que não conhece a IEI e nem quem irá cuidar de seu/sua filho/filha. É ainda novo para as professoras que não conhecem nem a criança e nem sua família.**

É um encontro incrível, que ajudará a mãe/família a continuar seu trabalho e a criança a ter um lugar de cuidado e educação que pode ajudar muito no seu desenvolvimento.

Mas, como fazer desse primeiro encontro - bastante desafiador a todos os envolvidos

- um momento de acalento em meio ao desconhecido e às angústias do novo?

Como organizar para que o processo leve ao conhecimento e à confiança mútua?

Como planejar a transição para que resulte em bem-estar e sentimento da criança (e sua mãe) de efetivamente pertencerem àquele espaço?

## A TRANSIÇÃO SÓ ACONTECE QUANDO A CRIANÇA PASSA A FREQUENTAR A INSTITUIÇÃO?

Na prática, **a transição não acontece somente a partir do início da frequência do bebê na instituição.** A transição começa bem antes, tanto com o processo de decisão dos familiares, como de preparação da instituição para receber famílias e crianças.

### DECISÃO DE COMPARTILHAR CUIDADOS/EDUCAÇÃO: FAMILIARES

A decisão de compartilhar cuidados/educação de seus bebês nem sempre é fácil. O passado das creches deixou ideias de que a IEI representa um “mal necessário” para a mãe poder trabalhar. São ideias do passado que não representam concepções atuais que consideram que a mulher ter emprego não só não a desqualifica, como é direito!

Essas vozes, porém, entrelaçam-se a alguns discursos de que lugar de bebê é em casa, com a mãe. Apesar das grandes mudanças na vida das mulheres, além de legislação que trata do direito da criança de participar de IEI, havendo alto investimento à qualidade nas IEI, as quais passaram a representar importantes espaços de socialização e desenvolvimento da criança pequena, nem sempre é fácil a decisão de compartilhar a educação de bebês com instituições. **Muitas vezes, a decisão se dá com angústia e, até mesmo, culpa, somada ainda a críticas de familiares/amigos, gerando temor de fragilizar o desenvolvimento do filho.**

Mas, depois da tomada da decisão, é preciso ainda encontrar uma instituição, que talvez seja próxima de casa ou do serviço, para ajudar na **complicada dinâmica que a família passará a ter de modo a levar e a buscar a criança...** em que pesa ainda a possível questão de existência de custo para pagar o atendimento.

Encontrada uma IEI, as famílias buscam saber o que falam de lá. Não é qualquer contexto em que se tem segurança de deixar seus filhos tão pequenos. Os familiares buscam locais em que possam se sentir minimamente confiantes de que seus bebês serão bem cuidados/educados.

## E AS INSTITUIÇÕES? ELAS JÁ ESTÃO PRONTAS PARA RECEBER OS FAMILIARES E SUAS CRIANÇAS TÃO PEQUENAS?

Sem ainda conhecer quais serão as famílias e crianças com quem irão trabalhar, as **instituições estão no seu processo de organização para recebê-las.**

Um dos pontos é a **definição de quais serão as/os professoras/es** que irão atuar cuidando/educando os bebês. Esta definição não é uma tarefa automática e burocrática. Não é também uma escolha baseada na noção de que basta ser mulher ou ter tido filhos, como se cuidar/educar de crianças pequenas tivesse a ver com instinto feminino.

Hoje sabemos que o trabalho com bebês demanda sim sensibilidade, mas demanda também formação para entender que, quem cuida, educa; e, quem educa, cuida!! E para isso é necessário **formação e planejamento pedagógico** para atuar mesmo junto aos bebês nas IEIs.

A retomada de elementos da formação para o atendimento dessa faixa etária pode também ser importante quando ocorre o deslocamento de professoras/es de grupos de crianças mais velhas para trabalhar com os bem novinhos. Ou para professoras/es que não contaram com disciplinas de “educação infantil” na sua formação, já que é recente a incorporação dessa área nos cursos de Pedagogia e antigo Magistério.

Ainda, a instituição deve preparar os espaços com a organização dos vários locais que a criança pequena irá frequentar; deve definir quais objetos e brinquedos serão importantes ao desenvolvimento dessa faixa etária... e porquê; deve planejar as rotinas e práticas pedagógicas particulares a essa faixa etária.

Considerando a idade das crianças que passarão a fazer parte da sala, é importante ter um lactário e mesmo organizar um local para possibilitar que as mães continuem a amamentar, caso ainda desejem, lembrando que a amamentação é garantida como um direito na lei.

É preciso ainda se preparar para receber e conhecer as famílias, com suas histórias e particularidades.

## PRIMEIROS ENCONTROS ENTRE FAMÍLIA, BEBÊ E INSTITUIÇÃO

Algumas experiências nesse processo demonstram que:

- É fundamental a creche **receber as famílias, fazer entrevistas e conversar com elas**, para obter informações das crianças e de seu histórico; hábitos dos bebês como sono e alimentação; desejos, temores e expectativas dos pais; uso de objeto transicional; modos de realizar os cuidados. Isso ajuda a que a família não tenha que passar todas as informações de forma rápida e descoordenada na chegada e na saída da criança da IEI.

- Muitas vezes, esse primeiro contato é feito pela coordenação da creche. Mas, caso as **professoras possam estar junto** é muito bom, pois professoras e família já vão se conhecendo, trocando informações, respondendo a perguntas de ambos os lados. Os primeiros dias de frequência do bebê à instituição deixa assim de ser um temeroso encontro de pessoas totalmente estranhas.

- É importante **apresentar à família o projeto pedagógico da instituição, além** das estratégias para quando a criança começar a frequentar o local. Essas questões podem já ser apresentadas às famílias, através de documentos que indicam de modo mais estruturado como se dará o trabalho no geral e o próprio início de frequência.

- **Mãe e bebê visitarem a sala** em que a criança ficará também pode ser algo que ajude. Assim, o primeiro dia na creche não representará para o bebê a chegada a um ambiente totalmente desconhecido. A sala já terá sido visitada com a presença de um familiar, isto podendo proporcionar ao bebê a sensação de certo aconchego em lugar previamente visitado.

- Algumas instituições organizam **visitas à casa da família**, permitindo conhecer um pouco mais as condições de vida da criança, além de ir transformando em conhecidas, pessoas tão estranhas umas às outras, criando relações, facilitando o momento do efetivo ingresso da criança.

Fica claro, assim, que a transição não se refere só à criança começar a frequentar a creche e o bebê se “adaptar” ao novo meio. Muito antes do início da frequência da criança na IEI todos os envolvidos estarão vivenciando essa transição.

## COMEÇANDO A FREQUENTAR A CRECHE: COMO PLANEJAR?

Para muitas famílias, o ingresso na creche representa o primeiro afastamento regular, diário e de mais longa duração entre familiares e bebê, especialmente se este passa a frequentar a instituição logo após o término da licença maternidade. A efetiva frequência na instituição pode se apresentar com angústia dos familiares e do bebê (e mesmo da professora). Assim, um planejamento para os primeiros dias pode ajudar no processo:

❖ Por um lado, pode-se organizar o **início gradual da frequência dos bebês, seguindo um calendário construído e negociado junto aos familiares das crianças.** Assim, se teria o ingresso de **apenas algumas crianças a cada semana, algumas pela manhã e outras à tarde**, quando o professor/ra terá mais tempo para conhecer e se dedicar aos novos bebês.

❖ Por outro lado, se possível, **o tempo de permanência da criança na IEI pode ter um aumento gradual:** inicialmente, o bebê fica apenas parte das horas, **contando por alguns dias inclusive com a presença da mãe/familiar no ambiente.** Gradualmente, o **tempo de permanência do bebê vai aumentando e a permanência da mãe (ou outro familiar) vai diminuindo**, ajudando na elaboração da separação e do conhecimento do novo contexto.

❖ **A permanência por uns dias do/a pai/mãe com o bebê na instituição pode ajudar** a que a mãe conheça o local, as professoras, as outras crianças, o modo como se dá o cuidado/educação e ficar mais tranquila e até satisfeita de que o filho/filha esteja ali.

Enquanto o familiar está junto à criança na sala, a professora vai observando como a criança reage, do que ela gosta de que faça e em que posição gosta de ficar, como é alimentada, dentre outros. **Observando familiar-bebê, a professora pega dicas para lidar com a criança** e pode ajudar na maneira como esta vai ser cuidada depois diretamente por ela. A presença do familiar pode também ajudar a intermediar o conhecimento da professora pela criança, contribuindo para a construção de vínculo entre o bebê e a professora, com a diminuição do estranhamento e do choro.

Para isso, facilita muito ter um professor previamente escolhido a ser uma figura de referência inicial à criança e à família.



Apesar disso, entende-se que, por conta das questões trabalhistas, mais de um professor estará garantindo o cuidado e a educação do bebê. Além disso, reconhece-se que o espaço institucional não é semelhante ao de uma casa. Tem uma forma de atuar que é profissional - e não como um atendimento substituto materno -, o cuidado e a educação de uma mesma criança sendo compartilhado entre vários profissionais.

**Muitas vezes, não é possível a presença inicial do pai/mãe junto ao bebê**, em função de a empresa / emprego de mãe/pai não flexibilizar os horários de trabalho. Uma alternativa seria a presença de outro familiar ou de pessoa muito próxima da criança para estar com ela nos primeiros dias de frequência. Porém, caso a família não tenha rede de apoio que possa participar do processo nesses primeiros dias, é importante pensar em **como construir outras possibilidades que ajudem família - criança - professor(a) nesse processo de início de frequência**. Nessa busca, uma conversa com a família é central nesse sentido.

Nesse processo, crianças/famíliaes/professoras vão se conhecendo. Com o tempo, encontros, experiências e negociações vividas, vão tornando uns e outros conhecidos, levando mesmo à **construção de vínculos**.

Importante o apoio da instituição à família e também ao professor, além da construção na prática de uma proposta pedagógica nesse compartilhamento do

cuidado/educação dos bebês. É preciso que todos os envolvidos - familiares, professoras, coordenação - vão se articulando para planejar e vivenciar da forma mais tranquila possível o processo de entrada e frequência do bebê na instituição.

Uma coisa que pode ajudar no início é se a família levar junto à criança um objeto bastante familiar dela - **o chamado objeto transicional**. O objeto pode ser a chupeta, um cobertor, um boneco a que a criança tem apego, uma bolsa, dentre outros. A criança ter consigo algo bem conhecido e carregado de afeto pode lhe trazer maior conforto em meio a tantas novidades.



Esse início de frequência do bebê na instituição fundamentalmente resulta no **entrelaçamento de dois diferentes contextos**. O compartilhamento implica assim que a **criança passa a vivenciar um diário ir-e-vir, alternando sua participação entre os espaços da casa e da IEI**, cada qual sendo organizado por um conjunto de concepções e funções, tendo práticas de cuidado e de educação específicas, além de serem marcados por modos de relações e afetividades muito particulares.

### **TRÂNSITO DIÁRIO DO BEBÊ ENTRE CASA E IEI: ALTA DIVERSIDADE ENTRE OS CONTEXTOS**

Tal encontro e alternância diários significa a vivência pelo bebê de **muitas mudanças, a começar pelos espaços físicos** propriamente, que diferem em muito do ambiente doméstico.

Usualmente, a IEI no seu conjunto é muito mais ampla do que a casa. Os ambientes organizam-se ainda através de locais de alimentação, sono e atividades lúdicas, diversos do doméstico. A sala da turma de bebês é pensada para ser ampla, com espaços abertos e protegidos, normalmente com poucos móveis, a criança podendo ficar no chão, tatami e/ou colchonete. Essa sala, porém, não é ampla demais, de modo a favorecer a intimidade e a comunicação de professoras/es e crianças, e crianças entre si, além de garantir tanto cuidados diretos (como higiene), como de observação à distância, respeitando a liberdade da criança.

O ambiente ainda possui um **conjunto de móveis, objetos e brinquedos ligados às práticas pedagógicas para o cuidado/educação dos bebês**. Nesse espaço circulam alguns adultos - professores, profissionais da instituição, demais familiares - e muitas crianças de idade semelhante, coisa pouco usual no ambiente doméstico.

Nesse encontro, através das relações estabelecidas, todos os participantes - incluindo-se os bebês - passam a negociar o espaço de modo a dar sentido a ele e se sentir como parte dele. **O espaço da instituição tem assim movimento, vai apresentando novas dinâmicas com o fluxo de pessoas e idade das crianças, levando a transformações dele próprio.**

Neste espaço, é desconhecido não só quem cuida do bebê; também é diverso **como cuida**, já que a instituição tem rotinas próprias. **No começo da frequência, o bebê pode se ressentir de algumas delas, particularmente as de sono e de alimentação**, levando a dificuldade de o bebê se sentir bem no novo ambiente, provocando choro, às vezes intenso.

Assim, é fundamental o conhecimento pelas professoras das rotinas de sono e alimentação dos bebês em casa. Ajuda, inicialmente, ter certa flexibilização quanto aos horários, enquanto, gradualmente, vai-se indicando à família os horários organizados pela instituição, para que possa haver ajuste mútuo dentro dessa parceria entre creche e família.

## **A QUESTÃO DA AMAMENTAÇÃO E ALIMENTAÇÃO NAS NOVAS ROTINAS**

A amamentação/alimentação representa aspecto que usualmente gera significativas dificuldades nesse processo de transição:

- O bebê pode estar sendo **amamentado ao peito e mãe-bebê têm este direito garantido pelo menos até o sexto mês**. Assim, vale **estruturar um local onde as mães possam continuar a amamentar as crianças**. Com isso, não se provoca mudança tão brusca, em meio a tantas mudanças, com o desmame às vezes forçado pela entrada na IEI. Lembrar que o aleitamento até o sexto mês é considerado direito legal do bebê/família.

- Caso a mãe não possa ir à instituição para amamentar o/a filho/a ao peito, **alternativa é a mãe retirar o leite e levá-lo para que seja dado ao bebê** no período em que a criança permanece na instituição. Fazer isso, porém, implica em alguns cuidados particulares a serem considerados. A nutricionista pode estar junto para ajudar na orientação.

- Caso a mãe não deseje ou não tenha condições de ir amamentar na instituição, pode-se fazer um planejamento para transposição para **aleitamento artificial**. Para isso, é importante – antes do ingresso do bebê na instituição - uma conversa com a família, tendo junto a nutricionista, para inclusive verificar se a criança não tem alergias, por exemplo. Com uma mudança cuidadosamente trabalhada previamente ao ingresso não se promove forte estranhamento com a introdução inesperada de leite não materno, a

que a criança não está habituada, diminuindo um elemento que poderia gerar intensas dificuldades ao bebê no novo ambiente.

- Considerando a idade dos bebês, eles podem estar vivenciando **outra transição - a alimentar -, com a introdução de frutas, alimentos pastosos e/ou sólidos**. E isso é um processo que exige **cuidados extras** a serem considerados e muita conversa com a família para saber bem em que situação se encontra a alimentação do bebê em casa. Desencontros e erros alimentares podem agravar a reação negativa da criança ao local.

- **As refeições representam momentos delicados na nova rotina**. Pode minimizar o impacto das mesmas se torná-las leves e lúdicas, trabalhando o conhecimento pelos bebês dos alimentos, de suas texturas e sabores; usando esse momento da refeição para destacar ao bebê as partes do seu corpo; para o bebê ir identificando elementos de si, das professoras e das outras crianças. Para isso, pode ajudar se a instituição disponibilizar, ao menos inicialmente, um maior número de profissionais ou garantir que das refeições participem pessoas de referência.



## OUTRO PROCESSO DE AJUSTES MÚTUOS: O SONO

No início da vida, a criança está **construindo seu ritmo sono**. No primeiro mês, o sono costuma vir em ciclos de três a quatro horas, independente de ser dia ou noite. Após as primeiras semanas, o bebê dorme um período de manhã e outro à tarde, cada período durando de uma a duas horas.

Apesar dessas noções, **cada bebê tem seu próprio ritmo de sono, este podendo ser inclusive muito irregular**. Para além das particularidades da criança, fator que pesa é a **rotina de sono em casa, em que os horários são diversos da instituição, levando a um descompasso casa-creche**. O sono não é só biológico, mas construído social e culturalmente.

Assim, **conhecer a rotina, horários e modos do bebê dormir em casa** ajudam na organização inicial na IEI. Isso envolve saber onde o bebê costuma dormir (berço, colchão); se em ambiente silencioso e escuro, ou próximo das pessoas; se tem música ou objeto que acompanha a criança, dentre outros. O diálogo franco e a construção de parceria entre casa e instituição ajuda a que haja um menor estranhamento pela criança, com menos choro. **Gradualmente, os tempos e modos de casa e da instituição vão sendo conversados, negociados e aproximados**.

É preciso organizar cuidadosamente o ritmo e o tempo de sono das crianças na IEI para que elas possam estar descansadas de modo a aproveitarem o período em que ficam na instituição sem apresentar **cansaço excessivo. Este leva a choro e irritação, com dificuldades por parte da criança de brincar, interagir e aprender no novo ambiente**. Trabalhar esses elementos ajudam não só no conforto da criança, mas também em menor cansaço e estresse por parte das próprias professoras.

**Os tempos do bebê não são semelhantes aos tempos dos adultos e muito menos aos tempos do novo contexto. É preciso conhecimento dele e flexibilidade inicial**. Na parceria creche-família, essa atividade pode ser enfrentada, com sucesso.

## MUITAS SÃO AS TRANSIÇÕES VIVENCIADAS EM MEIO À TRANSIÇÃO MAIOR - AS MICROTRANSIÇÕES

Dentro desse complexo processo de início de frequência do bebê na instituição, dentro de um mesmo dia, alguns momentos específicos podem ser bastante delicados:

- **A CHEGADA DO BEBÊ:** O momento de deixar a criança na IEI muitas vezes representa um momento de grande tensão: a chegada ao ambiente vai indicando concretamente ao bebê que ocorrerá o afastamento temporário da família e se dará a permanência dele junto a pessoas ainda por conhecer. Os familiares também ainda estão vivenciando a angústia de deixar a criança com pessoas estranhas e a angústia deles pode contagiar a criança levando a choro do bebê, que pode contagiar outros bebês que já estavam mais tranquilos. Na chegada, ainda, a família muitas vezes quer compartilhar informações de como o bebê passou, dormiu e comeu; ou se o bebê está enjoadinho ou doente... informações que podem ser importantes para professor/a considerar o seu manejo com as reações da criança no dia.

Assim, o planejamento para receber o bebê considerando o conjunto das relações e emoções envolvidas pode minimizar o choro e o mal estar. Para isso, professor/a pode convidar a família para entrar na sala junto com a criança. A presença dos familiares, mesmo breve, contribui para que a criança que se encontra nesse entrelaçamento de contextos vivencie uma conexão entre ambos. Não são espaços desconectados com cortes abruptos das relações das pessoas, através de portas que se fecham.

Pode ajudar ainda, no período de transição das crianças, professor/a contar com suporte de membros da equipe para que o bebê não chegue e a família saia de forma abrupta sem ter pessoas de referência. Contribui também se o professor verificar locais de preferência da criança na sala, além de gestos, expressões e vocalizações dos bebês em suas modalidades interativas, identificando os mais funcionais a esses momentos. A apresentação e a aproximação do bebê aos pares e aos brinquedos localizados também contribui para que se dê o (re)conhecimento da potência do local. Essas várias ações ajudam os bebês a não experimentarem muito sofrimento nessa separação temporária da família, enquanto vão construindo vínculo com professor/a e o sentimento de pertencimento ao novo contexto.

- **A SAÍDA DO BEBÊ AO FIM DO DIA/TURNO:** a saída também precisa ser considerada cuidadosamente, evitando que a criança saia de forma abrupta do ambiente. O bebê está construindo relações e vínculos com professor/a e mesmo outros bebês. Como a criança deverá retornar em breve àquele contexto, despedir-se de forma a tecer elementos para o encontro do dia seguinte ajuda a construir os fios da relação da criança com pessoas no novo ambiente.

À saída, é também importante haver tempo para uma conversa do/a professor/a com os familiares, para que a família saiba como o bebê passou o período ali e se há algo a ser pensado para os cuidados em casa.... Ouvir como a família está passando pelo processo ajuda a reconhecer questões no comportamento da criança e dos próprios familiares na relação com a IEI. Ainda, a família também passa a se sentir acolhida na situação e contexto.

Nem sempre esses momentos têm como ser mais prolongados pelos familiares, frente aos horários da família/emprego. Muitas vezes, para o/a professor/a também há dificuldade com esse momento, pois várias são as famílias que vêm buscar simultaneamente seus bebês. Para isso, diálogo com a família e algum planejamento alternativo podem levar a ajustes que tornam esses momentos da chegada e da saída não só não angustiantes a cada um e ao coletivo, como realizam-se de forma prazerosa e de efetiva construção de vínculos entre os vários participantes.

- **MUDANÇA DE ATIVIDADES NOS DIFERENTES MOMENTOS DA ROTINA:** Como o bebê ainda está conhecendo os espaços do novo ambiente e a rotina é desconhecida, somado (pela idade dele) com ainda baixa previsibilidade das situações, não tendo como se ancorar na linguagem do adulto também desconhecida, mesmo mudanças bruscas de atividades no mesmo dia podem deixá-lo agitado, pelo temor do desconhecido do que virá.

Dessa maneira, de modo a evitar tensões e choro, pode ajudar se se trabalhar a passagem de uma atividade à outra - como entre alimentação, sono, atividades lúdicas, higiene, dentre outros -, as mudanças sendo apoiadas em referências espaciais, através da organização prévia do material e do local por onde transitam os bebês.

O engajamento do bebê pode se dar de maneira prazerosa através de antecipações pelo/a professor/a com o uso de objetos, de músicas, rimas e ações lúdicas, envolvendo o conjunto dos bebês da turma. Aquelas ações vão envolvendo as crianças, ajudando a

criança a trabalhar noções de tempo e contribuindo com a previsão por elas do que está por vir, além de estreitar relações dos bebês com os/as professores/as e entre os bebês.

Por meio dessas experiências vividas nos vários espaços da instituição, os bebês percebem não apenas o ambiente e as relações por serem construídas, mas também, e ao mesmo tempo, percebem a si mesmos no novo ambiente. A criança é perceptiva e observa o espaço em combinação com sua localização / participação no mesmo. O bebê ao olhar ao redor implica que ele vê suas próprias partes do corpo naquele espaço. Mover-se no ambiente implica em ir traçando elementos de referência e orientação. Os bebês apreendem os significados daquele novo contexto e os expressam por meio de suas posturas, gestos e ações. O professor/a perceber isso ajuda a verificar como as vivências dos bebês estão se dando e se há a necessidade de alguns ajustes, contribuindo à inserção e desenvolvimento da criança.



## O CHORO DO BEBÊ: VARIADAS PERSPECTIVAS E INTERPRETAÇÕES

O choro do bebê na transição é algo que provoca muita tensão nos vários envolvidos, tendo muitas interpretações. Se o bebê não chora, a família pode se preocupar interpretando que o bebê gosta mais da instituição do que de casa, temendo pela perda do amor da criança. Se o bebê chora, há o temor de que o choro represente intenso sofrimento pela separação da mãe ou por supostos maus cuidados. Os professores podem se apavorar com o choro ou, no campo oposto, interpretar que choro é bom já que - como se diz no senso comum, “quem não chora não mama” - mostrando que a criança tem recursos e é capaz de pedir ajuda caso necessite.

O choro é usualmente motivo de ação, na busca por compreender se o bebê está tendo estranhamento ao local ou se está com sono, se se machucou, se está com fome ou sujo, se perdeu objeto/brinquedo. A ação é de verificação para resolução de causas possíveis que tenham gerado o desconforto na criança. A ação também se faz pois o choro é contagioso e outras crianças passam a expressar o choro, podendo gerar uma sinfonia vocal dos bebês, tornando o ambiente tumultuado e difícil de lidar. Assim, ao/a professor/a é preciso muita calma de modo a procurar identificar por que o bebê chora, sem ele próprio se contaminar com a emoção do bebê. A angústia ou aflição do/a professor/a podem intensificar o mal estar da criança. Por fim, planejamento de atividades pode levar a criança a ter uma participação ativa, ressignificando o local; ainda, o acolhimento ao choro, o cuidado, o colo e o abraço podem trazer segurança, tranquilidade, prazer e construção de vínculo com as novas pessoas que cuidam do bebê.

Porém, um ponto importante é reconhecer que **o choro representa uma das principais formas de expressão no primeiro ano de vida**. O bebê “fala” para as pessoas através do choro, de vocalizações, balbucios e de uma série de expressões faciais e corporais, indicando que há incômodo... E também satisfação. É a linguagem do bebê que se expressa nas situações, para um/uma professor/a que ainda não tem um dicionário que traduza essa linguagem. O/a professor/a deverá falar com a criança e também aprender a linguagem da criança, para que haja compreensão mútua e o diálogo entre eles passe a efetivamente acontecer. Um passa a conhecer as expressões do outro, sentidos sendo passados entre professor/a e bebê... e mesmo entre os bebês. **A construção de sentidos através dessa linguagem entre os vários parceiros pode ser**

o caminho a ajudar a eliminar a sensação de mal estar do bebê, levando-o a ter a sensação de ser compreendido ali também, fazendo com que ele vá adquirindo um sentimento de bem-estar e pertença àquele novo contexto. Ainda, resulta efetivamente na construção e no desenvolvimento da língua (no caso a portuguesa) pela criança.



## **PARA ALÉM DA INTERAÇÃO PROFESSOR-BEBÊ: PROMOVENDO A INTERAÇÃO E CONSTRUÇÃO DE PARCERIAS ENTRE OS BEBÊS**

Um dos importantes elementos desse processo de transição é que o bebê passa a frequentar um local, em que **o parceiro mais frequente é a outra criança de idade muito próxima**. Em uma sociedade que tradicionalmente considera que o bebê precisa do adulto para se desenvolver, para aprender a falar e a desenvolver habilidades motoras, dentre outras, as interações dos bebês são muitas vezes vistas como em nada contribuindo ao seu desenvolvimento ou como até colocando a criança em risco de se machucar.

Mas tem sido verificado que **bebês são muito mais capazes do que usualmente se acredita, com elevada competência de interação... logicamente diversa da capacidade das crianças mais velhas e dos adultos**. É preciso entender que entre adultos e crianças existem diferenças e estas diferenças traduzem a peculiaridade da condição de ser bebê e não algo negativo dessa condição. A gente precisa de novas “lentes” para enxergar como as competências deles se manifestam.

Muitos estudos têm dado visibilidade a uma ampla gama de habilidades relacionais e sociais dos bebês. Por meio dessas habilidades, os bebês apresentam meios de comunicação, de expressão de sentimentos e realizam ações na relação com os outros, possibilitando a construção de significados de si, do outro e do contexto em que vivem. **Estas competências interacionais fazem com que os bebês interajam mesmo com pares de idade, desde muito novinhos**.

Por um lado, os bebês olham atentamente aos parceiros de idade, como que se impregnando das emoções e das ações do outro que, com o tempo, manifestam-se através da imitação. Por outro lado, os bebês exploram objetos e brinquedos um com o outro, visto que o movimento dado ao objeto pelo outro bebê, como que dá vida a ele. Dentro disso, apesar de que algumas interações são de disputa, elas vão muito além da disputa, ocorrendo com frequência de maneira amistosa ou até mesmo dentro de uma construção de parcerias preferenciais entre os bebês. No conjunto das interações, é possível verificar a construção de significação e o compartilhamento de significados entre eles, além de que com o tempo passa a ocorrer interação grupal dos bebês.

No geral, considera-se que as interações dos bebês têm sido vistas como fundamentais para o desenvolvimento geral e de modo particular das sociabilidade. A oportunidade de interagir com pares faz com que o bebê aumente seu repertório

comunicativo não verbal e verbal, aprimore aspectos motores e de locomoção, dicrimine parceiros e desenvolva estratégias para lidar com eles em situações de conflito e competição, além de aprender ações como de cuidado, empatia e cooperação na relação. **As** interações possibilitam aos bebês descobrirem potencialidades e limites de suas ações / emoções, favorecendo ainda o processo de diferenciação de si e do outro, reconhecendo a si em meio ao outro e ao novo contexto.

No momento de transição à creche, um conjunto de relações dos bebês no novo espaço e com **estratégias institucionais de transição podem vir a refletir nas interações dos bebês com pares**. Tais interações dependem de algumas particularidades das crianças, mas em grande medida das ações dos/as professores/as. A depender da condução, em alguns dos casos, o bebê mostra sinais de bem-estar com a outra criança desde o início da frequência, os pares sendo alvos privilegiados de interesse. Em outros casos, apesar de apresentarem apenas algumas poucas interações com pares nos primeiros momentos de convivência, as interações aumentam de frequência e complexidade gradativamente, num processo concomitante aos sinais de bem-estar, familiarização e sentimento de pertencimento ao grupo.

No processo de transição, destacam-se os papéis mediadores da instituição e dos/as professores/as. O que fica especialmente claro é que, **por meio da organização do espaço e das rotinas, juntamente com a posição espacial que se coloca os bebês em relação a seus pares, adota-se uma pedagogia relacional, apoiando o desenvolvimento e a criação de vínculos entre essas crianças muito pequenas.**



(Imagens, Dentz, 2022)

## **QUEM CUIDA, EDUCA; QUEM EDUCA, CUIDA O CUIDADO E A EDUCAÇÃO COMO PARTES INDISSOCIÁVEIS AO DESENVOLVIMENTO DOS BEBÊS**

Neste livreto, falamos de sono, alimentação, acolhimento e cuidado com o choro do bebê, organização do ambiente e da rotina, cuidados com chegada e saída da instituição, interação dos bebês e atividades lúdicas.... Uma leitura rápida desses temas pode levar à errônea compreensão de que estamos tratando simplesmente do “cuidado” da criança. Porém, como já instituído na LDB 96 e mencionado várias vezes acima, mesmo para o primeiro ano de vida, **o cuidado na Educação Infantil está diretamente vinculado à educação, já que cuidar e educar são ações indissociáveis**. Isso significa a necessidade de pensar o conjunto dessas práticas ligadas ao atendimento de bebês e mesmo a transição em si de cuidado/educação dentro de uma **perspectiva pedagógica**.

Ponto básico é de que os bebês aprendem com todo o seu corpo e seus sentidos. Desta forma, para eles conhecerem o novo ambiente, é importante a organização intencional do espaço de forma a que os bebês possam participar de situações através das quais explorem e ocupem esse espaço por ser ainda conhecido. É muito importante a ação do/a professor/a no apoio às descobertas dos bebês, as quais ajudam na possibilidade de representação do espaço diverso da casa e repleto de novidades, incluindo-se novos parceiros – profissionais e os outros bebês.

Dessa maneira, a estruturação de uma programação de diversificadas atividades, para o período inicial de frequência dos bebês, leva a que, ao fazer explorações com suas mãos, os bebês descubram as texturas dos novos objetos; com sua boca, conhecem os diferentes sabores; com os ouvidos, os diversos sons; com os olhos conhecem os rostos das diferentes pessoas. Dar tempo e valorizar as explorações dos bebês é uma forma de engajá-los nas suas descobertas iniciais sobre esse novo mundo de que passam a fazer parte.

Por meio do trabalho pedagógico intencional, promover interações e brincadeiras envolvendo ritmos, velocidades e fluxos, ajuda a que os bebês passem gradualmente a desenvolver a noção de ritmo individual e coletivo, reconhecendo os novos tempos das novas rotinas. O trabalho envolvendo modulações de voz, melodias e percepções rítmicas; brincadeiras e mudanças de rotina ao som de músicas; brincadeiras de roda ou danças circulares, bem como o canto do(a) professor(a) alterando o ritmo e o timbre dos sons (alto, baixo, grave, agudo), ajuda no processo da construção de vínculo com os/as

professores/as, promove a capacidade de previsão das atividades na instituição e o gradual desenvolvimento da linguagem dos bebês.

Através do trabalho de higiene, sono e das novas formas de alimentação (com novos cardápios, consistência, odores e sabores), os bebês passam a reconhecer sensações, partes e funções do seu **corpo; os bebês vão sendo estimulados nesse ambiente a conhecerem mais** sobre si mesmos e ainda sobre os outros. Vai sendo possível a construção da identidade do bebê nesse novo contexto, das novas relações interpessoais e vínculos, da percepção de sua relação dentro do novo coletivo. Os bebês vão entrando em contato com outros grupos outros modos de vida, diferentes atitudes, técnicas e rituais de cuidados pessoais e do grupo.

Sabe-se que os eixos estruturantes das práticas pedagógicas com essa faixa etária são as interações e a brincadeira, através das quais as crianças podem construir um senso de pertencimento ao novo grupo (professoras e bebês), permitindo apropriar-se de conhecimentos por meio de suas ações e interações, o que possibilita aprendizagens, desenvolvimento e sentimento de pertença ao contexto. Tais trabalhos podem se fazer tanto em atividades individuais ou em interações em pares, trios ou pequenos grupos. O papel acolhedor do/a professor/a, atento/a às manifestações e expressões, busca enriquecer suas ações, observações, explorações e investigações do ambiente ao qual o bebê está passando a frequentar. As instituições devem construir, desde o ingresso do bebê, condições para que eles se engajem em atividades em que possam desempenhar papel ativo.

Parte do trabalho do educador é refletir, selecionar, organizar, planejar e mediar o conjunto das práticas, garantindo pluralidade de situações que, através do cuidar/educar, promovam excelente acolhimento aos novos integrantes e, com isso, o seu desenvolvimento pleno.



## **PAPEL DO PROFESSOR E RELAÇÃO COM A COORDENAÇÃO DA IEI**

Neste complexo processo de transição, as várias pessoas envolvidas encontram-se com **diferentes e importantes desafios. Como vimos indicando, uma das pessoas que tem papel fundamental é o/a professor/a.** Este/a busca trabalhar por um lado a proposta da instituição, que tem rotinas e organização específicas. Mas, essa rotina precisa de compreensão e flexibilidade, pois os tempos e modos de conduzi-la são diferentes dos da casa do bebê. O trabalho do/a professor/a junto à criança é atravessado ainda pelo trabalho junto aos familiares. Esse acolhimento como discutido acima envolve conhecer as famílias e especialmente os bebês, para ter práticas que os recebam de maneira calorosa, aprendendo sobre eles e muitas vezes ajudando nas angústias trazidas pelos familiares relacionados a essa situação de compartilhamento. Os processos enfrentados pelos/as professores/as é cheio de altos e baixos com a entrada de novas crianças, a ocorrência de adoecimentos, dentre outros.

**Os desafios a serem enfrentados pelos/as professores/as são muitos, estes/as assumindo inúmeras responsabilidades pedagógicas, responsabilidades dentro de relações que estão repletas de carga emocional.** É muito peso e eles/elas não podem fazer isso sós. **É preciso ter apoio da coordenação da IEI,** através do oferecimento de formação específica para essa faixa etária e suas práticas pedagógicas (quando em necessidade); através da organização dos calendários de entrada (reconhecendo as particularidades das necessidades das famílias), da estruturação das salas (que incluem brinquedos e também espaço para aleitamento materno), da maior/menor flexibilidade à organização das rotinas (pois envolvem questões para além da sala das crianças). Os professores como parte da IEI precisam ter espaço para compartilhar reflexões, dificuldades, impasses e planejar elementos ligados às características das crianças e suas necessidades; à composição de um grupo; à importância de uma atenção mais individualizada a ser oferecida até que o bebê passe a apresentar sinais de bem-estar no novo contexto.

**O compartilhamento com a coordenação/direção da IEI é essencial, pois a responsabilidade da transição não pode ser atribuída apenas ao professor.** Compreender os desafios vividos nesse processo, diante das elevadas exigências emocionais e físicas no período de transição, requer ajuda para o enfrentamento das necessidades, dando suporte aos profissionais.

O trabalho envolve parceria e diálogo constantes entre professores e coordenação, que devem dar apoio à elaboração de ações pedagógicas que demonstrem o entendimento sobre a importância do processo de transição e considerem os diferentes aspectos envolvidos.

Uma das frequentes perguntas feitas por pais, professores e pessoas envolvidas nesse início de compartilhamento dos cuidados e da educação de bebês com uma instituição é:

### **QUANTO TEMPO DURA O PROCESSO DE TRANSIÇÃO? ALGUNS DIAS? UMA SEMANA? UM MÊS? MAIS? MENOS?**

O que se tem verificado é que **não há uma definição precisa desse tempo**. O período para que a criança apresente menos frequência de choro, demonstre mais bem-estar e tenha a sensação de pertencimento àquele novo contexto **pode ser extremamente variável**. Alguns bebês rapidamente mostram-se confortáveis naquele ambiente, enquanto outros podem levar algumas semanas ou até mesmo meses.

Depende de cada caso, das características e idade da criança; da constituição familiar, das expectativas e concepções dos pais; dos cuidados anteriores ao ingresso na instituição; da forma de organização do espaço, tempos e rotinas da instituição; da construção de vínculo do bebê com as professoras; mesmo da relação com os demais bebês que participam daquele ambiente; e, da proposta pedagógica elaborada para esse processo e faixa etária.<sup>1</sup>



© CanStockPhoto.com

<sup>1</sup> <https://www.canstockphoto.com.br/derretendo-rel%C3%B3gio-68758337.html>

**Afastamentos de alguns dias por adoecimento ou após os finais de semana muitas vezes atualizam o estranhamento e a reação negativa de participação do ambiente.** Porém, usualmente, depois do período de transição inicial, esses novos estranhamentos são mais breves e menos intensos. Algumas vezes, fatos ocorridos na vida familiar também levam à reincidência de estranhamento.

A cada um desses momentos têm-se referido como sendo o de **“novas transições”**, dentro da transição maior.

## **NÃO HÁ RECEITAS E TÉCNICAS PRONTAS PARA LIDAR COM O PROCESSO DE TRANSIÇÃO**

Como vimos pontuando ao longo deste livreto, um maior conhecimento entre professores/instituição e a família, com a construção de uma parceria mesmo entre eles, contribui muito para que essa transição possa acontecer da forma mais tranquila possível. No entanto, o planejamento desse processo e a constituição de uma forte parceria creche-família não elimina possíveis dificuldades a serem enfrentadas, mas ajuda a minimizar as angústias dos familiares, além do choro e dos problemas de sono/alimentação/aprendizado do bebê; pode ainda agilizar o trabalho das/os professoras/es. Essa parceria ajuda no estabelecimento de comunicação entre familiares e professoras sobre acontecimentos, hábitos e comportamentos relacionados ao bebê, podendo levar à construção e ao fortalecimento de vínculos entre todos os envolvidos.

Com a constituição da parceria entre instituição e família, o conjunto da transição pode acontecer sem maiores sofrimentos e traumas, tornando o processo como de aproximações, de aprendizado, de desenvolvimento de todos e não como de rupturas, como vivido por muitos diante da regular e diária separação entre mãe e bebê.

No entanto, **dada à complexidade que envolve o processo de compartilhamento dos cuidados e da educação de bebês com uma IEI, não há receitas prontas, não tem uma “técnica” para enfrentar o período, não tem como se elaborar uma “receita de bolo” para esse processo.**

Elemento significativo é a formação dos profissionais e o reconhecimento pela instituição quanto à necessidade de atenção e de ações especiais a este período de

transição. Neste processo, está colocada a importância de que cada profissional (tanto da sala como da coordenação) - a despeito de seus valores pessoais - possa fazer um exercício de abertura ao outro, à família/bebê que chegam, buscando entender as ações e opções desses outros, buscando colocar-se no lugar desses outros, de modo a que o professor/a tenha uma atuação efetivamente contextualizada nessa transição.

A proposta é aprender e trabalhar com cada ingresso, de modo a encontrar meios de que em seu conjunto bebê, familiares e profissionais criem vínculos e transformem a estadia na instituição em local de bem-estar e de importantes e significativos aprendizados.

## **POLÍTICAS PÚBLICAS E DIREITOS DAS MULHERES, FAMÍLIAS E CRIANÇAS**

Como já explicitado, historicamente vem sendo construído, a partir de muitas lutas e movimentos sociais, legislações e políticas públicas que buscam assegurar e ratificar os direitos das Mulheres e das Crianças, em diferentes esferas. Dentre elas, particularmente aqui, destacamos as questões referentes à Educação Infantil.

Salientamos, que essas questões envolvem o entrelaçamento de conquistas referentes às mulheres, às famílias e às crianças. Conquistas que caminham no sentido de garantir equidade de gênero às mulheres (e seu lugar no mundo do trabalho), com uma organização social que dê suporte às famílias e direito a ótimas condições de cuidados/educação mesmo de bebês em instituições de educação infantil.

Para isso, destacamos aqui algumas legislações existentes:

- Constituição Federal Brasileira (Brasil, 1988)
  - Art.o 208, inciso IV: A Educação Infantil passou a ser considerada como um direito da criança, uma opção da família e um dever do Estado.
  - "Art. 392. A empregada gestante tem direito à licença-maternidade de 120 (cento e vinte) dias, sem prejuízo do emprego e salário.
- Lei 8.069 - Estatuto da Criança e do Adolescente (Brasil, 1990)

- Reconhecimento legal da infância como uma etapa peculiar de desenvolvimento, cheia de direitos (à vida, à saúde, à educação, à liberdade, à dignidade, à cultura, ao lazer, entre outros).
- Lei 9394 - Lei de Diretrizes e Bases (LDB) da educação nacional (Brasil, 1996)
  - A educação infantil é parte do sistema educacional, situando a criança como cidadã e definindo que o objetivo da educação infantil é promover o desenvolvimento integral da criança. Isso fomentou a expansão e a consolidação de novas concepções e práticas, no que diz respeito à educação/cuidado de crianças pequenas em Instituições de Educação Infantil.
- Decreto Lei nº 5.452 - Consolidação das Leis do Trabalho (CLT)
  - Art. 392 - Licença-maternidade - funcionária gestante tem direito a se afastar de suas atividades profissionais, sem prejuízo de salário, por 120 dias.
- Outras legislações: Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (1998); Parâmetros Nacionais de Qualidade para a Educação Infantil (2006); Base Nacional Comum Curricular (2018).

Mesmo diante dessas legislações e documentos legais, destaca-se a necessidade de se continuar buscando a elaboração de novas legislações e políticas públicas efetivas que continuem garantindo condições para exercício dos direitos das mulheres e das crianças.

Isso leva a considerar, dentre outros, a necessidade de avanços, no sentido de que as empresas/ empregadores tenham flexibilidade para autorizar a participação da mãe/familiares nesse início de frequência do bebê à instituição.

Nesse sentido, uma urgência é o entendimento de que é necessário considerar as especificidades do atendimento nas IEI, no primeiro ano de vida e as complexidades dos processos envolvidos no processo de transição.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E SUGESTÕES DE LEITURAS

Seguem algumas referências que podem vir a ajudar a fundamentar o trabalho na transição do compartilhamento - entre família e Instituição de Educação Infantil - quanto ao cuidado/educação de bebês.

- Almeida, J.A.G. (1999). *Amamentação: um híbrido natureza-cultura*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz.

- Amorim, K.S.; Anjos, A.M. ; Rossetti-Ferreira, M. C. (2012). Processos interativos de bebês em creche. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 25, 378-389.(Acesse em <https://www.scielo.br/j/prc/a/FTP6Jqj9dDgvNmVYHvjD4RJ/?lang=pt>)

- Amorim, K. S.; Vitoria, T. & Rossetti-Ferreira, M. C. (2000). Rede de Significações: Perspectiva para Análise da Inserção de Bebês na Creche. *Cadernos de Pesquisa*, 109, 115-144. (Acesse em <https://www.scielo.br/j/cp/a/Y9SzhW6RvDwGCchqKMT3fKD/?lang=pt>)

- Amorim, K.S., Eltink, C., Vitória, T., Almeida, L.S. & Rossetti-Ferreira, M.C. (2004). Processos de adaptação de bebês à creche. Em M.C. Rossetti-Ferreira, K.S.Amorim, A.P.S.Silva & A.M.A. Carvalho (Orgs.), *Rede de Significações e o estudo do desenvolvimento humano* (p. 137-156). Rio Grande do Sul: Artmed. (Acesse em [cindedi.com.br](http://cindedi.com.br))

- Costa, N.M.S. (2021). O desenvolvimento da exploração locomotora e o processo de transição do bebê à creche: (pro)posições, negociações e percursos. Tese de doutorado. USP. [https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/59/59141/tde-21022022-115541/publico/Tese\\_Natalia\\_Costa\\_versao\\_corrigida.pdf](https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/59/59141/tde-21022022-115541/publico/Tese_Natalia_Costa_versao_corrigida.pdf)

- Dentz, M. v. (2022). Interação de pares de bebês em sua transição de casa para a creche. Tese de doutorado. Universidade de São Paulo. [https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/59/59141/tde-18032022-155642/publico/tese\\_marisa\\_versao\\_corrigida.pdf](https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/59/59141/tde-18032022-155642/publico/tese_marisa_versao_corrigida.pdf)

- Dentz, M. v. & Amorim, K.S. Expressões emocionais entre bebês na creche: revisão sistemática da literatura. *Psicologia em Revista*. (Acesse em <http://periodicos.pucminas.br/index.php/psicologiaemrevista/article/view/11529/16070>)

- Neves, G. & Conrado, S.. Educar e cuidar: a indissociabilidade em questão. (acesse [em](#)

<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/130506/artespedinfplcha1ed009.pdf?sequence=1&isAllowed=y>

- Oliveira, F. E. C. (2016). O planejamento das rotinas diárias nas ações pedagógicas na Educação Infantil: a indissociabilidade entre educar, cuidar e brincar. (Acesse em <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/41906>)

- Peixoto et.al (2017). Transição para a creche e bem-estar emocional dos bebês em Portugal *Psicologia Escolar e Educacional*, 21 (3), 427-436 (Acesse em <https://www.scielo.br/j/pee/a/z3ssDWddxgvC8nqN6jjcsqj/?lang=pt>)

- Peixoto, C., Coelho, V., Pinto, A. I., Cadima, J., Barros, S., & Pessanha, M.(2014). Transição de bebês do contexto familiar para a creche: práticas e ideias dos profissionais. *Sensos-e*, 1(2). Recuperado: 14 de mar. 2016. Disponível: <http://sensos-e.esse.ipp.pt/?p=6599>

- Rossetti-Ferreira, M. C. & Amorim, K. S. (2004). O sentido da adaptação à creche e à pré-escola. *Pátio Educação Infantil*, 4, ano II, 10-12.

- Vitória, T. & Rossetti-Ferreira, M.C. (1993). Processos de adaptação na creche. *Cadernos de Pesquisa*, 86, 55-64. (Acesse em <https://publicacoes.fcc.org.br/cp/article/view/939/944>)

## VÍDEOS INTERESSANTES

● Adaptações na Educação Infantil  
<https://www.youtube.com/watch?v=CfIcUOUS0tg>

● Bebê interage com bebê? <https://www.youtube.com/watch?v=-bRCNXm6EfQ>

● Como as creches podem ajudar as mães na amamentação? | Papo de Mãe - <https://www.youtube.com/watch?v=AeIjyOdKdml>

● Nanando na creche - <https://www.youtube.com/watch?v=kX9tvTq8h-M>

● O fazer do bebê - <https://www.youtube.com/watch?v=0clhyAbhDKQ>

● Quando a criança começa a frequentar a creche - <https://www.youtube.com/watch?v=UETgYyLom5U>

● O lobo que virou lobo - <https://www.youtube.com/watch?v=Qg0RdXh1RPA>

● Manuseio do Leite Materno no CEI - <https://www.youtube.com/watch?v=FLLwYIPbp8A>

## LEGISLAÇÃO E DIRETRIZES DA EDUCAÇÃO INFANTIL

- BRASIL. Decreto-Lei 5.452 de 1º de maio de 1943. Consolidação das Leis do trabalho, Brasília,DF, Out. 2017.
- BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil: promulgada em 5 de outubro de 1988.
- BRASIL. Estatuto da Criança e do Adolescente. Lei 8.069/90. São Paulo, Atlas, 1991.
- BRASIL. MEC/COEDI. Critérios para atendimento em creche que respeite os direitos fundamentais das crianças. Brasília, 1995.
- BRASIL. Referencial curricular nacional para a educação infantil / Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.  
[http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=141451-public-mec-web-isbn-2019-003&category\\_slug=2020&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=141451-public-mec-web-isbn-2019-003&category_slug=2020&Itemid=30192)
- Brasil Lei da Licença Maternidade - Lei 11770/08 | Lei nº 11.770, de 9 de setembro de 2008.  
[http://www.normaslegais.com.br/legislacao/lei11770\\_2008.htm](http://www.normaslegais.com.br/legislacao/lei11770_2008.htm)
- BRASIL. Resolução CEB nº 05/09, de 17 de dezembro de 2009, que fixa as diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil. Brasília, 2009.
- Brasil Lei de Diretrizes e Bases da Educação. (1996). Diário Oficial, Brasília, Imprensa Nacional. República Federativa do Brasil, v.84, 26/12/96.  
[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/L9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm)
- BRASIL. Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil. Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. Brasília, MEC/SEF, 1998.
- BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018.

## **AGRADECIMENTOS E RECONHECIMENTOS**

Agradecemos aos financiamentos feitos pela FAPESP, CAPES e CNPq, que tornaram possível a condução de estudos que contribuíram sobremaneira para compreender o processo.

Agradecemos às famílias, professoras e instituições que autorizaram a realização dos estudos para compreender o processo de transição. Agradecimento especial aos bebês que foram acompanhados.

Agradecemos àqueles que ajudaram com a coleta de dados para os estudos: Marisa von Dentz; Michelle Silva; Natália M.S. Costa; Solange Nágela Pereira Bezerra; Stella C. Vilar.

Agradecemos aos pesquisadores que concluíram ou que estão conduzindo estudos sobre este processo, sob orientação da Profa. Katia de Souza Amorim: Arielle Santos de Souza; Cintia C. Castro; Dante Santana Ferreira Garajau; Ingrid de Castro Sousa; Kaira Neder; Lorena S. Gonçalves; Marisa von Dentz, Natália M.S. Costa; Raquel Mendonça.

Agradecemos às pesquisadoras de apoio ao projeto: Andrea T. Parreira; Lucia Maria Santos Tinós e Maria Clotilde Rossetti-Ferreira.

Agradecimentos ao Departamento de Educação, Informação e Comunicação (DEDIC) e Programa de Pós-Graduação em Psicologia da FFCLRP-USP

Agradecimentos à USP pela estrutura que possibilitou o desenvolvimento da pesquisa

## **CATALOGAÇÃO**

### **AUTORES**

Katia de Souza Amorim  
Lúcia Maria Santos Tinós

### **ARTE**

Cleido Roberto Franchi-Vasconcelos

**PRODUÇÃO:** Centro de Investigações sobre Desenvolvimento Humano e Educação Infantil (CINDEDI)

Julho de 2022

